

Daan van Golden Red or Blue

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

Como o sol dá cor às flores, a arte dá cor à vida¹

Anne Pontégnie

São numerosas as obras criadas depois de 1945 que não pertencem aos grandes movimentos que estruturaram o período então iniciado. De há dez anos a esta parte, artistas excêntricos como Paul Thek, Dieter Roth, Yayoi Kusama ou Oyvind Fahlström ressurgiram dos limbos para onde uma história ortodoxa da modernidade os relegara. Daan van Golden pertence a esta categoria de artistas cuja obra, sem nada ter de anacrónico, se desenvolveu à margem dos grandes estilos internacionais. É sintomático que nos anos de 1960 e 1970 as suas pinturas de motivos têxteis realizadas no Japão, em 1964, tenham sido sucessivamente incluídas em exposições consagradas à *pop art*, ao Grupo Zero e à pintura abstracta americana. Poderiam, como

1. *Sir John Lubbock*. Esta citação é extraída do discurso pronunciado por Daan van Golden ao receber o PC Art Award, a 25 de Novembro de 1990, em Amesterdão. Cf. *Daan van Golden, Werken - Works, 1962-1991*, Amesterdão: Stedelijk Museum, 1991, p. 19.

de resto as suas obras posteriores, ter encontrado lugar em exposições consagradas à arte conceptual, ao minimalismo ou à apropriação da década de 1980. No entanto, a sua independência irredutível perante esses movimentos é tão manifesta como a sua proximidade em relação a eles.

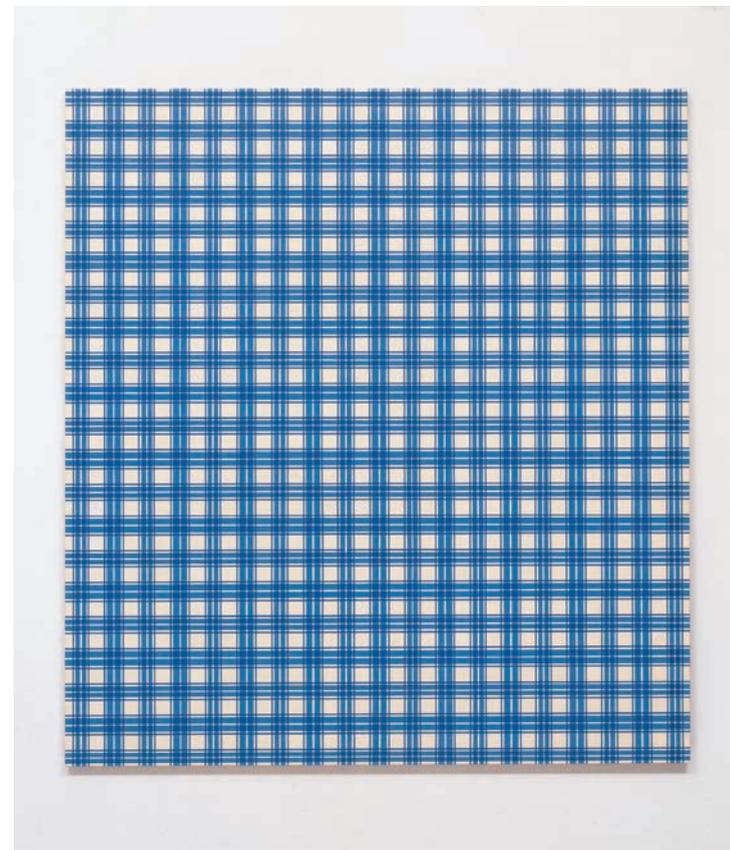
Van Golden não é um artista marginal. Expôs no ICA em Londres e na Documenta 4, e representou a Holanda na Bienal de Veneza, em 1999. Há explicações pragmáticas para o facto de a sua obra se ter mantido, até hoje, motivo de interesse apenas para alguns apaixonados e para as instituições artísticas holandesas que possuem a sua quase totalidade.² O facto de van Golden produzir muito pouco, demasiado pouco para alimentar um “mercado”³, faz parte da ordem de razões referida, mas é indissociável de uma explicação mais especulativa, segundo a qual a modéstia da sua produção aparece como parte integrante de um projecto em que a arte e a existência se encontram inextricavelmente ligadas.

Por ocasião da entrega de um prémio⁴, em vez de redigir um discurso, van Golden coligiu um conjunto de citações consagradas à arte. Entre elas, há um conto que ilustra a posição artística que o artista escolheu no começo da década de 1960, e que tem desde então exercido uma influência essencial sobre a sua obra: “Um imperador pediu a uma equipa de artistas gregos e a uma equipa de artistas chineses que pintassem, cada uma delas, uma parede. As duas paredes estavam separadas por uma vedação para que nenhuma das equipas pudesse ver a obra da outra. Quando os

2. A partir de finais dos anos de 1960 e até ao começo dos anos de 1980, van Golden deixou praticamente de pintar. Optou então por aderir ao BKR, sistema de apoio financeiro prestado aos artistas em troca de obras suas. É por isso que o essencial da sua obra pertence hoje às colecções públicas holandesas.

3. Van Golden colaborou esporadicamente com diferentes galerias da Holanda, antes de passar a trabalhar exclusivamente, a partir de 1982, com a Galerie Micheline Szwajcjer de Antuérpia.

4. Cf. nota 1.



One Painting, 1964
Esmalte sobre tela sobre painel
150 x 138 cm
Colecção Agnes e Frits Becht, Naarden

chineses acabaram, o seu fresco foi posto a descoberto. Algumas semanas mais tarde, os gregos tinham, também eles, terminado o trabalho, e o imperador pôde vir admirar o resultado. Tinham polido a parede para que nela se reflectisse a pintura dos chineses.”

A arte de van Golden situa-se decididamente do lado dos artistas gregos. Por altura da sua estada no Japão, de 1963 a 1964, van Golden abandona a abstracção a preto e branco de tipo expressionista que tinha vindo a desenvolver desde o final da década de 1950. Começa a reproduzir sobre tela motivos que encontra em papéis de embrulho e em lenços de papel. Durante os dois anos que passa no Japão, realiza uma vintena de pinturas a partir desses motivos. Os mais recorrentes são grelhas, padrões florais e formas orgânicas, e por vezes aparecem também os nomes de estabelecimentos comerciais, como Mitsukoshi. A técnica, meticulosa, utilizada para a reprodução dos motivos, tão exacta e neutra quanto possível, exige muito tempo e concentração, mas tem a vantagem de libertar o artista da necessidade de extrair a sua inspiração de um espaço mental e emocional fechado. Doravante, van Golden manterá esta posição: observar e encontrar na sua experiência quotidiana, do mundo e da arte, os temas da sua prática pictural. Jasper Johns, no início dos anos de 1950, Yves Klein, os *affichistes* e Andy Warhol, que sistematizara a sua pintura dois anos mais cedo, compõem o pano de fundo sobre o qual aparece “o gesto” de van Golden, mas não bastam para o explicar. O que está em jogo na sua decisão é tanto existencial como artístico, ou antes, reside numa vontade de reduzir o espaço que separa arte e experiência quotidiana. Formalmente, as obras de van Golden – porque organizam o encontro entre grandes formas modernas, como a grelha, e objectos de consumo corrente – situam-se, a par das de Sigmar Polke, Gerhard Richter ou Richard Hamilton, na vertente europeia da *pop art*. Na realidade, veremos que o projecto de que resultam as aproxima, por um lado, de uma arte “de atitude”, vizinha, a montante, da obra de um Yves Klein ou dos *affichistes* e, a jusante,



Heerenlux, 2001
Óleo sobre tela
55 x 55 cm
Colecção do artista

de artistas conceptuais como Douglas Huebler ou On Kawara, e, por outro lado, de uma cultura visual holandesa a que a obra de van Golden dá uma nova actualidade.

As obras que van Golden elabora a partir do fim da década de 1970 – pintura, edições ou fotografias – continuam o método iniciado no Japão. *Heerenlux* é uma série (iniciada em 1993) que se baseia num motivo florido encontrado numa amostra de tecido. Em função das exposições, são reproduzidos detalhes desse tecido a escalas diferentes e em telas de diferentes tamanhos. Paralelamente, van Golden isola uma obra ou um pormenor de uma obra – um periquito descoberto numa pintura de Matisse (*Blauwe Studie naar Matisse*), um caminheiro de Giacometti (*Studie A.G.*), um *dripping* de Pollock (*Studie Pollock*) – cuja silhueta reproduz em cor numa tela que é deixada virgem. De cada pintura são realizados quatro exemplares. Um conjunto de obras, edições ou fotografias acompanha esta prática pictural. Elas formam um contraponto que reforça ainda mais a ressonância íntima que van Golden constrói entre a arte e a existência, ao mesmo tempo que são fruto de uma operação equivalente à das pinturas, na medida em que procedem por meio da observação e a seguir da selecção entre o fluxo de imagens achadas pelo artista. *Golden Years* reúne setenta fotografias encontradas na imprensa diária. Foram escolhidas em função de critérios estéticos, mas também porque cada uma delas corresponde a um dos setenta anos que separam van Golden do ano do seu nascimento, em 1936⁵. *Youth is an Art* compreende mais de uma centena de fotografias da vida quotidiana da sua filha, Diana, entre o nascimento desta e os seus 18 anos. Estas duas séries são apresentadas num friso linear cuja horizontalidade evoca a passagem do tempo que as assombra e lhes confere a sua potência emocional. As pinturas isolam fenómenos artísticos; *Golden Years*, imagens de imprensa;

5. Esta obra foi concluída em 2006 e apresentada no Museu Boijmans van Beuningen de Roterdão por ocasião dos 70 anos do artista.



Blauwe Studie naar Matisse, 1982
[Estudo azul a partir de Matisse]
Óleo sobre tela emoldurada
188 x 118,5 cm
Colecção Museu Boijmans van Beuningen, Roterdão

Youth is an Art, momentos de vida. No conjunto, não procuram traçar equivalências simplificadoras, mas mostrar como a arte – enquanto prática – permite enriquecer e intensificar uma experiência quotidiana da qual não pode ser abstraída.

Sob este aspecto, a influência do pensamento zen sobre a obra de van Golden é indiscutível⁶, mas esta extrai também a sua singularidade da tradição da cultura visual holandesa. No seu estudo sobre a arte holandesa do século XVII, Svetlana Alpers defende a ideia de que as especificidades da pintura holandesa encontram a sua origem numa cultura muito diferente da cultura italiana. Mais exactamente, destaca o registo descritivo da arte holandesa, comparando-o com o registo narrativo italiano: “Para os holandeses, os seus quadros descrevem o mundo que se vê, em vez de imitarem acções humanas carregadas de sentido.”⁷ Trata-se de um aspecto especular que se aproxima da conclusão do conto chinês atrás citado. Se as características formais que Alpers releva nos quadros holandeses do século XVII – liberdade assumida em relação às escalas, ausência de um enquadramento anterior e sentido do quadro enquanto superfície – pudessem ser utilizadas para descrever, três séculos mais tarde, a pintura de van Golden, os elementos constitutivos da arte holandesa que ela destaca – a ausência de referência erudita, o recurso a técnicas tradicionais, a utilização renovada do motivo e a alegria reencontrada da descoberta⁸ – corresponderiam de maneira impressionante à posição artística de van Golden. Embora o artista recuse sistematicamente qualquer entrevista, ele gosta de falar livremente da sua pintura. Vi muitas vezes a decepção do seu interlocutor quando van Golden descrevia o seu interesse pelas formas escondidas que a sua pintura releva. Descobrir uma silhueta de cão escondida num motivo decorativo, ou

6. Ver o ensaio de Luke Smythe publicado no catálogo da exposição.

7. Svetlana Alpers, *L'art de dépeindre*, Paris: Gallimard, 1990, p. 16.

8. *Idem*, pp. 24-25.



Studie Pollock, 1991
Óleo sobre tela
120 x 120 cm
Colecção Museu Stedelijk, Amsterdão

um rosto num *dripping* de Pollock, pode parecer anedótico perante a complexidade dos projectos estéticos modernos e contemporâneos, mas trata-se de uma operação emblemática tanto dos princípios de observação subjacentes à tradição pictural holandesa, como da relação que van Golden constrói entre a sua arte e a experiência do mundo. Toda a sua obra está apostada em descobrir o maravilhoso, o extraordinário, no coração da experiência quotidiana, para, em seguida, preservar e transmitir a qualidade desse acontecimento, testemunhando por ele o maior respeito. “As imagens holandesas não disfarçam uma significação, mas mostram que o sentido se insere naquilo que os olhos estão em condições de apreender”, explica uma vez mais Alpers.⁹ Assim, a obra de van Golden partilha com as naturezas-mortas de Willem Claesz, com as paisagens de Ruysdael ou com os interiores de Vermeer a capacidade de dar a ver o que é visível, mas não forçosamente apercebido. Esta continuidade cultural é paradoxalmente tributária da própria contemporaneidade de van Golden. Com efeito, a sua obra pode desenvolver essa continuidade “cultural” sobre um fundo de requestionamento da modernidade, num momento em que o estilo internacional das vanguardas dá lugar a um desenvolvimento cultural e socialmente mais específico da arte, como o testemunham as versões alemã, francesa ou inglesa da *pop art*, a *arte povera* em Itália ou, alguns anos mais cedo, o movimento Gutai no Japão.

Esta abertura é correlativa de um outro requestionamento, mais profundo, da autonomia da arte sobre a qual se fundava o projecto moderno. Em *Diferença e Repetição*, publicado em 1968, Deleuze dá uma forma teórica à ideia segundo a qual a invenção mais árdua e mais política é “extrair uma diferença da repetição do quotidiano”¹⁰. Se Deleuze toma como exemplos Warhol, Beckett

9. *Ibid.*, p. 22.

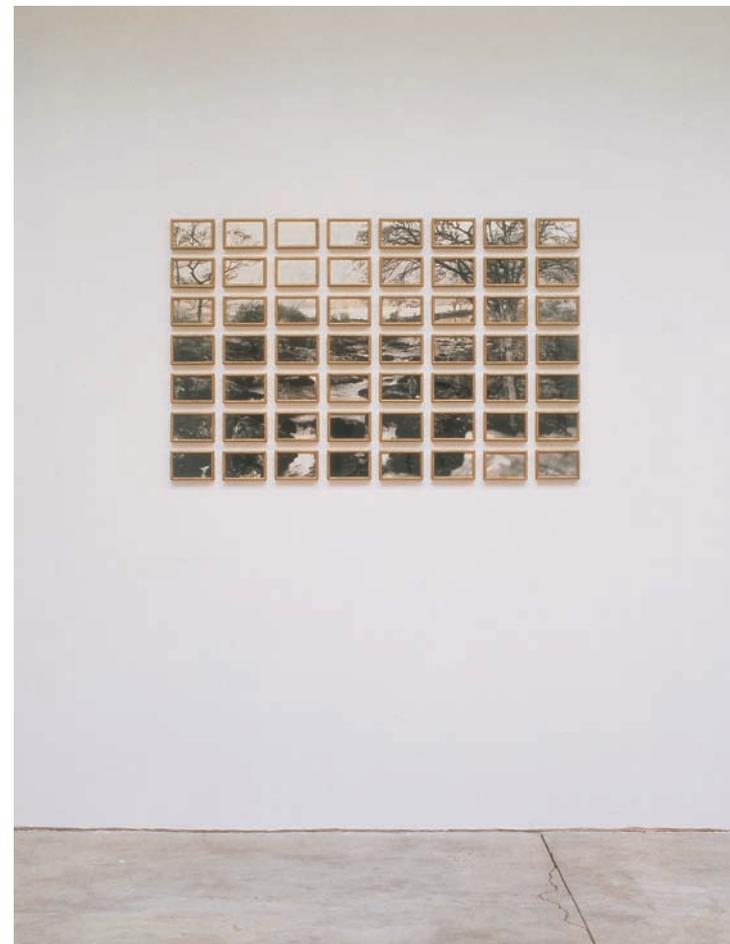
10. Gilles Deleuze, *Diferença e Repetição*, trad. José Gil, Lisboa: Relógio d'Água, 2000 (1968).



Finistère, 1986 (Da série *Youth is an Art*)
Fotografia a cores emoldurada
36 x 24 cm
Colecção do artista

ou o *Nouveau Roman*, artistas como van Golden, mas também Huebler ou On Kawara, participam numa inflexão análoga das apostas artísticas em jogo.

A célebre declaração de Huebler – “o mundo está cheio de objectos mais ou menos interessantes, não desejo acrescentar-lhe novos objectos” – e a continuidade que as suas *Variable Pieces* induzem entre a prática da arte e a sua vida criam um espaço comum com a obra de van Golden. No entanto, é On Kawara – a maneira como elaborou um sistema que lhe permite tecer relações estreitas entre a prática da arte e a sua existência – quem me parece estar mais próximo de van Golden. Ambos tomam de empréstimo objectos “achados” que investem, em intensidade, no processo pictural. Assim, as suas obras não proporcionam a representação de um espaço quotidiano, mas são portadoras da qualidade, da intensidade e da singularidade da experiência dessa quotidianidade. Deste ponto de vista, invertem, e até completam, o sistema da *pop art* que aborda o quotidiano através das suas representações. Com efeito, à crítica *pop* da uniformização da experiência, van Golden e On Kawara opõem a proposta de uma resistência efectiva através de um investimento recíproco e singular tanto da arte como da existência. Nem a obra de van Golden nem a de On Kawara conheceram evolução desde o momento da sua elaboração. On Kawara continua as suas *Date Paintings*, tal como van Golden considera hoje a possibilidade de regressar ao Japão para aí realizar obras novas segundo um processo idêntico ao que iniciou em 1963. Esta ausência de tensão confere à sua obra uma irradiação serena, um poder de fascínio, sendo, paradoxalmente, um testemunho da sua extrema e intuitiva actualidade.



Wales Picture, 1967
56 fotografias a preto e branco emolduradas
8 x 13,5 cm (cada)
Colecção Museu Boijmans van Beuningen, Roterdão

Exposição

Curadora

Anne Pontégnie

Coordenação de produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes
Paula Tavares dos Santos

Coordenação de Montagem

Fernando Teixeira

Equipa de Montagem

Ana Branco
André Lemos
Henrique Neves
Nelson Melo
Sérgio Gato

Jornal de Exposição

Texto

Anne Pontégnie

Coordenação

Marta Cardoso

Tradução

Miguel Serras Pereira

Design

Gráficos do Futuro

Impressão

Maiadouro

© 2009, Fundação Caixa Geral
de Depósitos - Culturgest, Lisboa
© das obras reproduzidas: o artista;
do texto: o autor

Conversa com Daan van Golden e Anne Pontégnie

Sábado, 20 Junho, 16h30

Visitas guiadas por Miguel Wandschneider

Sábados, 4 Julho e 5 Setembro, 17h00

Visitas guiadas

Domingos, 5 Julho e 6 Setembro, 17h00

A exposição Daan van Golden - Red or Blue foi organizada pelo Camden Arts Centre, de Londres, em colaboração com o Mamco, de Genebra, e a Culturgest.

Galerias abertas de segunda a sexta-feira, das 11h00 às 19h00 (última admissão às 18h30).

Sábados, domingos e feriados, das 14h00 às 20h00 (última admissão às 19h30). Encerram à terça-feira.

Informações: 21 790 51 55 - www.culturgest.pt - Edifício Sede da CGD, Rua do Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

20 Junho - 6 Setembro 2009
